



O TEATRO NA ESCOLA: UMA PERSPECTIVA DA NÃO-VIOLÊNCIA¹

Juliana Campoy Miranda de Souza², Taíse Neves Possani³, Maria Simone Vione Schwengber⁴.

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na Unijuí, que faz parte do grupo de estudo Plures, da linha 3, do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC).

² Bolsista Capes/Prosc; doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC); orientanda da Prof^ª Dr^ª Maria Simone Vione Schwengber.

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC); orientanda da Prof^ª Dr^ª Maria Simone Vione Schwengber.

⁴ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC).

RESUMO

Este trabalho explora o teatro na escola, relacionando-o com a apropriação de um discurso não-violento. Surge vinculado à pesquisa e tem como objetivos explorar o teatro no contexto escolar através de oficinas e da montagem de uma esquete teatral, relacionando com as práticas da não-violência. Para tanto, o estudo baseou-se em Linhares (2003) e Rosenberg (2006) ao produzir reflexões acerca da dimensão sensível aguçada pela arte e estética e estabelecer relações entre julgamentos moralizadores e discursos violentos. Como metodologia, foi abordada a pesquisa qualitativa (Almeida, 2021), com o desenvolvimento de oficinas de jogos teatrais em espaços escolares (Spolin, 2008), montagem de esquete teatral e a análise foi construída com base em Spolin (2008), Boal (2009) e Umbelino (2012) com o objetivo de relacionar de qual forma a linguagem teatral pode colaborar na trajetória de uma educação da não-violência. Conclui-se que a participação da família na vida escolar da criança é fundamental para a diminuição de comportamentos violentos, e que a incorporação do teatro no currículo escolar é uma estratégia eficaz para a promoção de uma cultura de não-violência, contribuindo significativamente para a formação integral dos alunos.

Palavras-chave: Educação. Estética. Julgamentos moralizadores. Sensibilidade.

ABSTRACT

This work explores theater at school, relating it to the appropriation of non-violent discourse. It appears linked to research and aims to explore theater in the school context through workshops and the production of a theatrical skit, relating it to non-violence practices. To this end, the study was based on Linhares (2003) and Rosenberg (2006) by producing reflections on the sensitive dimension heightened by art and aesthetics and establishing relationships between moralizing judgments and violent speeches. As a methodology, qualitative research was approached (Almeida, 2021), with the development of theatrical games workshops in school spaces (Spolin, 2008), theatrical skit production and the analysis was built based on Spolin (2008), Boal (2009) and Umbelino (2012) with the aim of relating how theatrical language can contribute to the trajectory of non-violence education. It is concluded that incorporating theater into the school curriculum is an effective strategy for promoting a culture of non-violence, contributing significantly to the comprehensive education of students.

Keywords: Education. Aesthetics. Moralizing judgments. Sensitivity.

INTRODUÇÃO



A temática da não-violência tem se tornado urgente nos diferentes âmbitos sociais, uma vez que os índices de violência têm aumentado. Quando focamos no contexto escolar, isso não se torna diferente, por também estar inserida e submetida aos sintomas sociais. Marques (2023) aponta que nos últimos 21 anos, as escolas sofreram três ataques por ano. Porém, entre 2022 e 2023, houve um aumento de 20% no número de ataques direcionados às escolas. As escolas têm vivenciado um agravante em casos de *bullying*¹, violência física e psicológica, o que tem desafiado a comunidade escolar e levado a pensar em soluções que possibilitem sua superação, a fim de melhorar a convivência entre crianças e jovens, bem como de promover o respeito, a aceitação e a paz no ambiente escolar. Nesse sentido, o conceito de não-violência defendido por Rosenberg (2006), convida a ter empatia e a desenvolver uma comunicação com ausência de julgamentos moralizadores. Nessa perspectiva, os jogos teatrais podem colaborar com um olhar humanizado levando ao diálogo e a uma abordagem não-violenta.

Linhares (2003, p. 187) nos auxilia nesse processo de reflexão quando afirma que “a arte pode ajudar-nos, portanto, a construir um paradigma social mais amplo”. Ela lida com uma região ambígua, movediça, que envolve sentimento e razão, paixão e expressão, conhecimento e imaginação”. Podemos aproveitar a sensibilidade e a liberdade proporcionada pela arte para adentrar de maneira mais leve em assuntos que gerem controvérsias, sem que isso se transforme em confrontos. Linhares (2003, p. 187) corrobora com isso quando afirma que “[...] a estética vem lembrar-nos de dimensões esquecidas, entevadas nos corpos. Entevadas na vida social”, pois no campo da arte tudo é permitido e descomplicado. Assim, a arte, diante desse cenário de diálogo respeitoso, é um exercício de alteridade e equidade.

A arte teatral, ao se afastar de seu passado elitista e de ostentação, vem ao encontro dos princípios de Boal (2008, p. ix) quando afirma que: “Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no Maracanã ou em praça pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar... até mesmo dentro dos teatros”. Nessa perspectiva, o teatro e seus jogos teatrais podem possibilitar vivências estéticas e quebra de paradigmas dentro das escolas.

Na escola, os jogos teatrais oportunizam a possibilidade de trabalhar habilidades e competências que não são alcançadas pelos componentes curriculares tradicionais, trazendo

¹ Intimidação e ridicularização com ou sem o uso de violência física, para dominar outra pessoa.



A pesquisa analisa a importância da utilização do teatro para uma abordagem com pressupostos não-violentos. Diante disso, nas linhas que se seguem, procuramos relacionar de qual forma a linguagem teatral pode colaborar na trajetória de uma educação da não-violência.

É POSSÍVEL UMA PRÁTICA DE NÃO-VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR?

No cotidiano da escola podem ser observados discursos violentos e até mesmo agressões físicas, principalmente entre alunas(os). Essas condutas de desrespeito e de insensibilidade humana se afastam dos propósitos de uma educação não-violenta. Diante disso, discentes procuram fazer esse enfrentamento na tentativa de reduzir essas atitudes.

Rosenberg (2006), em seu trabalho com a não-violência, nos leva a refletir sobre o quanto esses comportamentos agressivos são expressões de necessidades não acolhidas e também pedidos de socorro por conta da falta de comunicação e da ausência de diálogos. De acordo com o mesmo autor (2006), os julgamentos moralizadores feitos às outras pessoas contribuem para a violência, pois os indivíduos julgados são separados e classificados entre aqueles que merecem recompensa e aqueles que necessitam de punição.

Uma violência moralizante, em que cada ser humano se coloca na posição de juiz, prejudica a tentativa de alcançar a não-violência. Os costumes humanos de estabelecer comparações levam a ainda mais desentendimentos entre as pessoas, além de estimular competições e de eliminar a compaixão humana. Rosenberg (2006, p. 45) afirma que:

Dan Greenberg demonstra por meio do humor o poder insidioso que o pensamento comparativo pode exercer sobre nós. Ele sugere que, se os leitores tiverem um desejo sincero de tornar suas vidas infelizes, devem aprender a se comparar a outras pessoas.

As comparações desumanizam, enquanto que um trabalho colaborativo leva a atitudes de alteridade. A tentativa de responsabilização das outras pessoas pelas suas próprias infelicidades, também é uma conduta que leva à violência. Na escola, se a opção escolhida for



valorizar os sujeitos, será possível aproveitar as potencialidades de cada um e evitar a apropriação de discursos violentos.

Rosenberg (2006, p. 49) nos convida a pensar que: “A maioria de nós cresceu usando uma linguagem que, em vez de nos encorajar a perceber o que estamos sentindo e do que precisamos, nos estimula a rotular, comparar, exigir e proferir julgamentos”, isso faz com que seja natural julgar o próximo, não se preocupar com os sentimentos alheios e ainda procurar esconder os próprios sentimentos por receio de medo de julgamento. O autor (2006) revela o quanto é alienante pautar a comunicação em julgamentos moralizadores, juízos de valor e na responsabilização alheia por nossos próprios pensamentos, sentimentos e atos.

O ser humano, quando precisa de acolhimento, algumas vezes acaba por tornar-se desagradável quando expõe suas necessidades somente em forma de queixas. Rosenberg (2006, p. 49) afirma quão importante é aprender a compartilhar sentimentos colocando a forma como a pessoa se sente ao invés de “comunicar nossos desejos na forma de exigências”, pois isso faz com que a pessoa não seja ouvida e muito menos atendida em suas necessidades. O autor (2006, p. 168) observa que: “Quando verbalizamos o que ouvimos do outro, o tom de voz que utilizamos é muito importante. Quando as pessoas nos ouvem repetir o que disseram, é provável que estejam sensíveis ao menor indício de crítica ou sarcasmo”. Portanto, esse parecer do que foi verbalizado pela outra pessoa precisa ter ternura para que a mesma talvez identifique empatia através do tom de voz.

Para exercer a não-violência, a alteridade e o acolhimento devem estar presentes. Diante disso, a reflexão incidirá sobre como os jogos teatrais podem levar à cultura da não-violência.

PODE O TEATRO COLABORAR COM A NÃO-VIOLÊNCIA?

O teatro, na escola, auxilia no desenvolvimento das habilidades comunicacionais e nas reflexões pertinentes a uma formação para a cidadania. Também desenvolve habilidades necessárias para a atuação no palco. Umbelino (2015, p. 11) realça que: “Numa visão pedagógica, a oficina também tem a função de transmitir valores. Sua função não é, somente,



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ítalo D'Artagnan. **Metodologia do Trabalho Científico** [recurso eletrônico] / Ítalo D'Artagnan Almeida. - Recife: Ed. UFPE, 2021. (Coleção Geografia). Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49435>. Acesso em: 12 jun 2024.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores / Augusto Boal**. - 11ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade: um estudo sobre a arte e a educação** / Ângela Maria Bessa Linhares - 2 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MARQUES, Simone Dias. **Aumento na violência nas escolas aponta a necessidade de criação de políticas públicas de promoção da paz**. Porto Alegre: Jornal da Universidade - UFRGS, 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/aumento-na-violencia-nas-escolas-aponta-a-necessidade-de-criacao-de-politicas-publicas-de-promocao-da-paz/#:~:text=Ao%20longo%20da%20s%C3%A9rie%2C%20at%C3%A9,professores%20estavam%20entre%20as%20v%C3%ADtimas>. Acesso em: 22 jul 2024.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Editora Agora, 2006.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor** / Viola Spolin; [tradução de Ingrid Dormien Koudela] - São Paulo: Perspectiva, 2008.